

Parte I - o Antes

“O amor só é lindo,
quando encontramos alguém
que nos transforme no melhor
que podemos ser.”

(Mário Quintana)



Capítulo 1

A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

“Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente” (William Shakespeare).

João Marcos Panho
Thiago de Almeida

Os critérios de escolha para parcerias amorosas

Tentando salientar algumas dúvidas sobre o que é de fato o amor, Santiago (2003) aponta que, quando crescemos, já não somos mais dependentes, mas a necessidade de nos vermos através de outra pessoa permanece. Estamos, sim, inegavelmente, presos aos nossos semelhantes. Se, quando crianças, temos a necessidade do aleitamento garantido pelos nossos pais e demais tomadores de cuidado, quando adultos, a necessidade é a de nos vermos alimentados em nossas ideias e em nossos sentimentos. E assim, temos a necessidade de vermos nossas sensações derramadas e refletidas no outro, validando-nos com a força do outro que nos confirma em nossas ações e decisões, repetindo, aquela primeira história de simbiose maternal que antes era física e, que agora é psíquica. Vivemos assim, constantemente a procura de alguém com quem dividir e compartilhar pedaços de nossa experiência de vida, o que muitas vezes se consoma no amor que ocorre dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais.



Segundo Almeida e Mayor (2006): “A maioria das pessoas, utiliza o termo ‘amor’ para descrever sentimentos por uma pessoa por quem se sente mais fortemente atraída ou a quem se vê mais apegada” (p. 264). Em suma, as pessoas priorizam as interações afetivo-sexuais e os relacionamentos amorosos em suas vidas em suas múltiplas nomeações e contextos tais como a amizade, o flerte, a paquera e ou xaveco, o namoro, o noivado, o casamento, o poliamor, o recasamento, dentre outras situações que estão comumente empregadas à sociedade na qual vivemos. A devida escolha do (a) parceiro (a) adequado (a) para um relacionamento facilita o início de um relacionamento, contribuindo para que seja sim, satisfatório e que dure por um determinado período de tempo. Assim, de acordo com alguns autores (*e.g.* GOMES et al., 2013) “Não é de hoje que a temática da escolha do (a) parceiro (a) tem sido foco de atenção” (p. 02).

Para vivenciarmos a situação amorosa precisamos interagir com uma parceria em potencial. O mecanismo psicológico relacionado à seleção de parceiros é considerado um conjunto, dentre outros, selecionado no decorrer da filogênese da espécie humana a serviço da perpetuação da mesma (BORRIONE; LORDELO, 2005; BUSS, 2006).

Ao se tratar do processo de seleção natural, Darwin (1859/2007) reconhece-a como um processo principal que vem a operar na evolução das espécies. Além deste operante, Darwin notou que a seleção natural ocorre basicamente por meio de pressões seletivas sobre as escolhas ou disputas por parceiros entre os membros de uma espécie. Os atributos ao qual se faz presente grande parte da seleção natural, sejam ele de preferência e ou sucesso, oferecem vantagens para a sobrevivência e sucesso reprodutivo. Marquezan (2005) enfatiza os critérios de escolha entre homens e mulheres e sugere que as mulheres seriam mais seletivas do que os homens em relação às características almejadas em um parceiro que poderiam indicar melhores condições para a criação dos filhos. Essa seleção natural é visível durante o longo da evolução onde estes determinantes funcionam como uma espécie de seleção sexual e ou seleção natural. Englobando todo este esquema delineado pelo processo de seleção natural, Buss (2006) aponta que através de seus



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

estudos, constatou que mulheres tendem a valorizar mais do que os homens a capacidade de ganho material, por outro lado, as características mostram para a capacidade reprodutiva, ou seja, boa aparência, são mais valorizadas por homens do que por mulheres, enquanto que os homens mostram-se mais propensos a se engajarem em relacionamentos de curto prazo pelo fato de que seu investimento não é tão alto quando o da mulher na criação da prole.

Pode-se observar por meio desses pressupostos que as pessoas, em seus relacionamentos amorosos, procuram estabelecer padrões e regras de seleção ao recrutarem um “verdadeiro amor” ou quando buscam sua “alma gêmea” ou “parceiro (a)”, estes padrões estabelecem conceitos pessoais, isto é, preferências como a cor do cabelo, cor da pele e olhos, dentre outros critérios de seleção, que influenciam preponderantemente suas escolhas a respeito de com quem devem compartilhar suas vidas, por um tempo maior ou menor. Esses padrões funcionam como uma condição para escolha de uma determinada pessoa, ao qual, vem a dar início a um relacionamento estável. Através desses conceitos as pessoas passam suas vidas em busca de um (a) parceiro (a) com as características de um “príncipe encantado” e ou de uma “mulher dos sonhos”.

Apenas recentemente o tema escolha de um (a) parceiro (a) tem sido foco de atenção dentre algumas áreas estudo da Psicologia. A Psicologia Social, por exemplo, é uma delas e busca identificar e compreender esses determinados padrões de escolha, como destacado por Sternberg (2000).

A escolha de parceiros (as) segue um conjunto de princípios gerais. As pessoas em geral usam estes princípios para deduzir as qualidades que querem e os defeitos que não querem num parceiro amoroso, ou seja, quando uma pessoa é admirada, significa que possui qualidades que o (a) admirador (a) valoriza e gostaria de ter em si e ou para si.

Scribel, Sana e Benedetto (2007) ressaltam que, na busca do entendimento e da complexidade das relações amorosas, o ser humano acaba por travar lutas internas, isto é, com desejos, crenças, necessida-



des não atendidas e etc. Segundo Almeida (2003) o ser humano vive, geralmente, em um estado de incompletude, ou seja, tem o desejo de encontrar-se através do acréscimo do que lhe é exterior. “[...] sentir essa plenitude idealizada será alcançada através da união com uma outra pessoa, detentora de tudo aquilo que o ser humano julga não possuir em si mesmo” (p. 22).

Além dessas características internas do indivíduo Michener, Delamater e Myers (2005) sugerem que, a atração inicial por uma pessoa é influenciada por normas sociais, variando de cultura para cultura, porém, a atração física, assim como semelhanças da idade, raça, religião e *status* socioeconômico, vêm a tornar uma pessoa mais ou menos adequada para se tornar uma parceria em potencial, segundo cada critério de cada pessoa. Complementarmente Vasconcellos (1997) afirma que a procura da “alma gêmea” atende tanto as necessidades próprias, como as exigências sociais.

Desta forma, existe uma tendência de uma pessoa repetir um determinado “padrão” de relacionamento e ou escolha de um novo relacionamento, baseado em suas próprias características. Conforme citado acima cada pessoa possui características de seleção, adequadas ou não para si. Silva; Menezes e Lopes (2010) afirmam que: “Apesar da ideia comum de que os opostos se atraem, um número significativo de estudos afirma que, de forma geral, as pessoas buscam aqueles que são similares a elas próprias” (p. 02). Levando-se em consideração essas características, dificilmente as pessoas vêm a mudar seu padrão e ou critério de escolha, devido ao fato deste estar integrado em suas crenças internas, ao qual, nos vem à pergunta do tema que será abordado a seguir, “buscamos personalidades iguais ou diferentes das quais já tivemos contato?”.

Em busca de novos relacionamentos: iguais ou diferentes aos quais já tivemos contato?

Segundo Suplicy (1983), várias forças atuam na seleção de um (a) parceiro (a) amoroso, dentre as quais, as de maior influência são as



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

forças de ordem inconsciente. É este processo psicológico que determina o tipo de escolha do (a) parceiro (a), sendo este resultado da história psíquica e experiências do indivíduo. A mesma autora destaca que os processos determinantes da escolha e ou seleção mais importantes, são eles:

- ✓ O indivíduo escolhe um (a) parceiro (a) na qual seja possível, por características de personalidade desta pessoa, projetar partes suas que não são compatíveis com a que gostaria de ter. Então, através do mecanismo de projeção, estes traços passam a ser do outro e não dele próprio, diminuindo assim a ansiedade que ele sente pelo conflito. Ou seja, nesta operação mental, o indivíduo, ao projetar partes de si no outro, espera do outro, compreensão e transformação do seu pensamento e de suas atitudes emocionais;
- ✓ A pessoa escolheria o oposto de si mesma, com a premissa de que o outro pode completá-la, dando o que ela não tem, sendo o que ela não é. A escolha por reação também pode ocorrer quando o indivíduo não tem bem resolvido seus conteúdos sexuais. Quanto mais diferente o parceiro for do progenitor mais seguro o indivíduo se sente. Ou seja, o indivíduo como um todo, vive em constante procura de parceiros (as) de sua imagem oposta, sendo com isso, decorre suas buscas em suas diferenças, dando créditos a pessoas, ao qual, por suas diferenças vem a completar de alguma forma;
- ✓ As escolhas se relacionariam com a capacidade de aceitar as diferenças entre cada um dos parceiros. Almeida (2003) corrobora ao afirmar que a seleção de um (a) parceiro (a) bem feita é tão importante quanto o próprio relacionamento em si, logo este, economizaria o tempo e os investimentos de ambos os componentes na relação. O autor destaca também que a maturidade de uma escolha é importante e que pode ocorrer em qualquer idade, mais para que tal ocorra deve haver atração entre as pessoas, seja ela física ou de qualquer outra ordem (ALMEIDA, 2003).



Vários princípios norteiam a escolha de um (a) parceiro (a). Muitas pessoas julgam que beleza e ou o atributo riqueza são determinantes essenciais para a efetivação de um relacionamento amoroso, porém pode-se dizer que não são. Segundo Féres-Carneiro (1997), em uma pesquisa sobre a escolha amorosa e interação conjugal, realizada no Rio de Janeiro, constatou-se que a atração física é importante, mas não é um determinante na hora da escolha. Ou seja, a beleza não necessariamente é um fator de escolha do cônjuge, levam-se também outras influências e atributos.

Ao falarmos sobre a atração física Maner (2003) revela que, a beleza torna-se um fator relevante, somente na hora da paquera ou do flerte. Referente a essas circunstâncias, o corpo é abordado em termos estéticos, tornando-se objeto de desejo e fonte de prazer (CHAVES, 1994). Estes fatores têm destaque positivo, segundo Brasil et al. (2007), pois ao identificarmos um padrão de beleza compatível com nossos critérios de escolha, dá-se início à fase do flerte sendo importante para a formação do par romântico, este faz com que as pessoas se aproximem e se conheçam.

Conforme delineado por Suplicy (1983), os padrões de escolha são aspectos idiossincráticos, ou seja, cada um tem seu padrão de seletividade amorosa. Em uma dinâmica de tendência à repetição os indivíduos acabam a repetir suas escolhas, mesmo que essa escolha seja realizada com outra pessoa em outro relacionamento. Mesmo assim, essa tendência vem a ter um padrão seguido pelo indivíduo. Isto é, as pessoas tendem a repetir um padrão antigo de relacionamento e/ou critérios, mesmo se estabelecer outros relacionamentos.

Bauman (2004) em sua obra “Amor líquido” enfatiza que a expressão “até que a morte nos separe” encontra-se decididamente fora de moda. O autor nesta obra sugere que as pessoas não estão mais presas a um (a) mesmo (a) parceiro (a). No entanto, o casamento já não é mais considerado “desculpa” para continuar um vínculo amoroso. Consequentemente, uma escolha que venha a gerar arrependimento, não se torna mais motivo de sofrimento em relação à convivência.



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

Dessa forma, como fica o ditado popular, “os opostos se atraem?”. Pois bem, essa questão que constantemente é debatida entre as pessoas. Os autores Botwin, Buss e Shackelford (1997) destacam que, embora os indivíduos difiram em termos das características desejadas, eles tendem a preferir a se relacionar com companheiros que sejam similares a si mesmos. Isto é, por mais que escolhamos nosso “par perfeito” ainda assim desejamos mais manter vínculos afetivos com pessoas que se assemelham com nós mesmos. Pensando nesses aspectos existe uma grande probabilidade de voltarmos a nos relacionar com pessoas com características pontuais ao antigo romance.

A discussão se os opostos se atraíam foi pauta de análise por alguns autores da década de 70, eles questionavam se escolhas ocorriam mais por semelhanças ou por diferenças e também se seria o fator da semelhança que gerava a atração ou se era o fator da atração que gerava a semelhança (e.g. RUBIN, 1973). Analisando esses pressupostos Almeida (2003) destaca que:

[...] quando dois parceiros em potencial vêm as diferenças complementares, elas as vêm como algo motivador, desafiador e excitante, evocando, assim, nos seus respectivos parceiros, lembranças positivas. Assim, se por um lado, quando mais se gosta das pessoas, mais se julga que elas são semelhantes entre si, por outro lado, quando mais elas são semelhantes entre si, mais se gosta delas. Deve-se ressaltar que nem todas as diferenças existentes entre as pessoas são complementares: algumas chegam a ser até antagônicas. (p. 30)

Segundo Silva, Menezes e Lopes (2010) um elemento que influenciaria a escolha do cônjuge seria a busca, no outro, por similaridades, isto é, por características semelhantes àquelas que encontram em si mesmos. Os estudos mostram que a semelhança entre os parceiros da relação funciona como um antecedente-chave na fase de atração, onde a proximidade faz-se necessária a este processo, de tal forma que as pessoas que vivem frequentemente em contato procuram mais atributos valorizados nos outros, como se estivessem diante de um *check list* que se presta para triar essas parcerias amorosas em potencial.



Analisando esses dados apresentados sobre os critérios de escolha de um (a) parceiro (a), logo se observa que as pessoas vivem em busca de suas próprias idealizações e ou com determinadas expectativas do que seria a “pessoa amada” ou “o pai ou a mãe ideal dos meus filhos”, essa bagagem encontra-se cristalizada nas pessoas de um modo em geral, por meio de preceitos, histórico, sociais, ambientais e genéticos, ou seja, fatores tanto quanto genéticos e ou ambientais do meio vem a influenciar os critérios de escolha do sujeito, seja para com a escolha de um (a) parceiro (a) até para demais designações. Almeida (2003) destaca também que o princípio de escolher, ainda que inconscientemente como destaca Suplicy (1987), um parceiro afetivo, mesmo para envolvimento breves, o que se procura é o prazer, podendo-se dizer que o fator de escolha seja voltado para a satisfação.

Desilusões com parcerias anteriores podem afetar a nova escolha?

Após a separação, uma sobrecarga de sentimentos confusos com intensidades diversas atingem ambos os cônjuges. Algumas pessoas buscam desesperadamente manter a mesma rotina, ou até sair em busca de novos (as) parceiros (as) a fim de minimizar os sentimentos de perda do antigo romance. Quando isso acontece, vivem a dor de uma ferida, colocando em questão sua capacidade de ser amado, vindo a criar dúvidas de seu próprio valor. O ressentimento e o ódio pela perda das ilusões depositadas no casamento ou no parceiro provocam um desejo de aniquilar o outro (LEVY; GOMES, 2011). Em determinado momento, as desilusões amorosas mal elaboradas na fase de luto, tal como apontam Almeida e Aguirra (2014), podem vir a se tornar traumáticas, acarretando em dificuldades para uma nova escolha. Lidar com essa perda e dar a volta por cima é uma tarefa árdua que se resume em reconstrução, ou seja, usar desse turbilhão de sentimentos ao próprio favor, apreendendo sobre si e sobre o outro a fim de dar sentido a um novo relacionamento.

A necessidade de se livrar de sentimentos ruins, gera uma espécie de ansiedade, ou seja, esses tipos de sentimentos geralmente acabam fazendo com que a pessoa se envolva em outra relação, mes-



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

mo que ela não seja aquela que mais lhe agrada no momento. Neste momento, faz-se presente esses determinados estímulos, como, o fim de uma relação, a ansiedade dar início a uma nova, a necessidade de voltar a se relacionar, juntamente com os sentimentos negativos de fracasso o relacionamento antigo, podem vir a gerar uma escolha não tão adequada para um novo parceiro, pois possivelmente, os critérios de escolha a serem empregados serão mais guiados por sua vontade de provar para si mesmo (a) que pode ter um novo relacionamento do que por critérios mais ajustados e ‘resetados’ para a promoção de um novo relacionamento amoroso. Muitas vezes, esse provar para si mesmo (a) que se é capaz de vincular-se em um novo relacionamento, acaba gerando padrões de repetição do relacionamento passado, ou seja, o que segundo Ramos (2010) ocorre com a evocação de sentimentos de inadequação, compreendidos em Psicologia pelo termo compulsão à repetição.

A passagem da vida afetiva romântica com um parceiro para uma nova fase de solteiro (a), também gera nervosismo e ansiedade, assim como o medo do que está por vir, o sofrer por antecipação, o medo da mudança. Como citado anteriormente, algumas pessoas alteram seus padrões seletivos nessa fase para migrarem para um novo relacionamento. Diga-se, de passagem, que grande porcentagem das pessoas torna-se mais eletiva quanto à nova escolha, isso ocorre devido à grande frustração do processo de idealização ocorrido no passado. Consequentemente, algumas pessoas sentem-se devidamente amarradas a iniciar um novo relacionamento, pelo medo da repetição do fracasso.

Em função dessa frustração, os princípios de seleção tendem a tornarem-se mais criteriosos. A seleção de parceiros segue um conjunto de normas ou princípios, que ajudam a pessoa decidir as qualidades que querem e os defeitos que não querem no outro, facilitando assim as escolhas que acabam sendo feitas através destes critérios (BRASIL et al., 2007).



Tenho um padrão comportamental semelhante ou diferente ao que já tive na relação passada?

Antes de salientarmos sobre a pergunta anterior, pauta desse subtópico, é necessário compreender alguns conceitos da Psicologia. Esses conceitos enfatizam uma gama de comportamentos do ser humano, aos quais, alguns padrões comportamentais vêm a se repetir de indivíduos a indivíduos, variando em determinadas situações individuais, porém, a análise de sua função para esse determinado sujeito ocorre da mesma forma.

No decorrer dos capítulos acima, exemplificamos como ocorre determinada seletividade do (a) parceiro (a). Para entendermos melhor se uma pessoa seja ela do sexo masculino ou feminino vem a seguir um padrão comportamental semelhante e ou diferente durante uma nova relação, vamos entender antes o que são os conceitos de: reforçamento; contingência; discriminação.

- ✓ **REFORÇAMENTO:** Esse termo denominado é utilizado pela Psicologia, para designar qualquer operação que altere a chance de uma resposta ocorrer no futuro. Esses reforçadores de comportamentos podem ocorrer tanto positivamente quanto negativamente, ou seja, um exemplo de *reforçamento positivo* seria: “Meu (minha) namorado (a) fez um ótimo café da manhã para mim, em recompensa a isso, eu a (o) tratei com carinho, respeito, agradei o belo gesto e falei o quanto o (a) amo por isso”. Nesse sentido a figura do (a) namorado (a) agiu de forma a reforçar positivamente a relação com o cônjuge (acrescentando algo positivo). Provavelmente essa atitude por parte do (a) parceiro (a) irá ocorrer mais vezes, ou seja, irá ocorrer com maior frequência, pois para a pessoa é gratificante receber esse reforço positivo em troca, por isso mantém o padrão deste determinado comportamento (Deverá então pensar: “eu faço café da manhã e sou muito bem tratada (o) pelo meu cônjuge, vou fazer mais vezes”). Um exemplo de *reforçamento negativo* seria: “Hoje vou fazer café da manhã para meu (a) namorado (a) porque dessa forma ele (a) não vai brigar comigo”. Neste caso, a figura do namorado



(a) que não estava presente no momento, provavelmente esteja reforçando negativamente a relação, ou seja, o (a) companheiro (a) para evitar uma possível situação dolorosa, tende a se comportar de determinado modo a eliminar essa possível ameaça (briga), ou seja, o (a) cônjuge nesse sentido preparou o café da manhã para seu (sua) parceiro (a) de modo a evitar uma possível discussão caso não a tivesse feito.

- ✓ **CONTINGÊNCIA:** Assim como os demais temas que aqui serão explicados, esse designa um efeito de resposta sobre a probabilidade de um estímulo, ou seja, contingência é a forma de representar como determinados comportamentos surgiram e se mantêm com o passar do tempo. Vamos ilustrar: o cônjuge ao chegar em casa do trabalho, retira os sapatos e os joga em algum cômodo da casa. Sua esposa fica furiosa com essa atitude do marido que deveria colocar os sapatos junto a sapateira, porém ele a responde: - “Se eu jogar meus sapatos em qualquer lugar quando chego do trabalho, eles aparecem no outro dia na sapateira, por que tenho que coloca-los lá?” Este é um exemplo divertido e, que geralmente vem a ocorrer, de formas similares, mais é bem comum para a maioria das mulheres, porém, será que a culpa é só do marido nessa situação? Em uma possível compreensão deste comportamento do casal fictício, pode-se observar que algumas operações acontecem quanto uma resposta é emitida, neste contexto parece haver uma espécie de discussão entre o casal. A impressão é que a parceira está discutindo com o marido, pois ele, ao chegar todos os dias do trabalho, joga seus calçados em qualquer lugar da casa. O marido faz uma pergunta um tanto quanto pertinente, ou seja, se os sapatos dele ao serem jogados ao chão aparecem no outro dia na sapateira, qual a necessidade dele colocá-los lá? Na realidade a resposta da figura do marido de jogar os sapatos em qualquer lugar foi reforçada positivamente pela esposa, pois a mesma os pegava todos os dias e os guardava na sapateira. Neste caso, criou-se uma relação de contingência reforçadora, fortalecendo a resposta de jogar os sapatos ao chão, assim para toda essa situação de emissão de respostas e reforços se dá o nome de contingência.

- ✓ **DISCRIMINAÇÃO:** Esse conceito se dá a capacidade de perceber as diferenças entre os estímulos e, responder diferentemente a cada um deles, ou seja, é quando uma resposta se mantém na presença de um estímulo, mantendo certo grau de extinção na presença de outro. Um exemplo de um controle discriminativo seria: uma pessoa criada por pais extremamente rígidos, onde a família pregava por crenças onde, não se podem sair as noites, ingerir bebidas alcoólicas e etc. Essa mesma pessoa possui um relacionamento sério, ao qual, tem crenças de vida completamente distintas, que permite saídas a noite e a ingerir bebidas alcoólicas. O parceiro com esses devidos estímulos é capaz de discriminar as diferenças entre os dois âmbitos e se comportar de maneira diferente em cada uma das situações.

Você deve estar se perguntando, qual a necessidade de saber essas coisas para entender um padrão comportamental de um relacionamento para o outro. Veja só, a chance de um padrão antigo se repetir, de fato, existe sim, pensando em um contexto geral da pessoa, pode ser que ela ainda não tenha aprendido um novo jeito de fazer e ou um novo jeito de agir em seu mais novo relacionamento. Entretanto, se esse novo relacionamento for uma contingência reforçadora e que promova uma mudança de novos comportamentos, ou seja, promova bem-estar psíquico para o indivíduo ensinando-o a atuar de outra maneira, esse padrão antigo pode vir a alterar.

Nesses casos de rompimento de relacionamentos e, em especial, os de longo prazo, há geralmente uma falta de discriminação dos comportamentos que levaram a esse determinado rompimento e/ou fracasso no relacionamento, a tendência dessa repetição torna-se mais provável. Outro fator importante que também vem a exemplificar essa repetição de comportamentos está na frequência dos seus padrões antigos, estando ligada a crenças enraizadas que esta carrega desde a infância, a forma como essa pessoa “ama” é construída socialmente, onde, crença e valores, juntamente com as expectativas determinam a conduta íntima a ser adotada entre os pares formados.



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

Constantemente, ao visitarmos sites de relacionamentos, nos deparamos com questões pertinentes às atitudes do casal, uma espécie de fóruns onde há infinitas discussões e perguntas frequentes sob como manter um relacionamento. Dentre essas discussões em enfoque a questão da postura do parceiro em relação à comparação entre o relacionamento atual e o antigo vem causando grande discussão no âmbito das comunidades online. No tópico a seguir, tentaremos abortar alguns pontos-chaves a respeito deste enfoque.

Mantenho a postura de ficar comparando os relacionamentos que tive com o meu relacionamento atual?

Conforme discutimos anteriormente, o término ao início de um novo relacionamento está relacionado a muitas situações, que de algum modo, se tornam corriqueiras à medida que as pessoas começam a se relacionar. Saber como lidar com cada situação requer uma devida atenção, pois o que está em jogo é a sua situação amorosa dos pares constituídos, a satisfação que sentirão e se a interação entre eles se traduzirá em durabilidade para o casal.

Entre as mais variadas demandas encontradas em problemas de relacionamentos, uma delas bastante comum, é a postura com que o parceiro passa a lidar com as situações do novo relacionamento e as vivências ou lembranças do antigo relacionamento. Muitas vezes, em função de querer manter uma melhor relação com seu (sua) cônjuge passa a comparar ambos os relacionamentos, ou seja, trazer vivências anteriores para o atual, essas vivências se dão das mais variadas formas.

Na realidade isso acontece, como já explicado anteriormente, por uma falta de discriminação do relacionamento passado para a nova história de amor, ou seja, a pessoa passa a repetir e ou vivenciar as mesmas situações corriqueiras com o (a) novo (a) parceiro (a), além disso, pode também ocorrer discussões de caráter comparativo. Essas tendências tendem a se modificar de pessoa a pessoa, de relacionamento a relacionamento, de vivência a vivência, neste caso, cada indivíduo tem suas próprias concepções de vida, tiveram criações diferentes, tem valores diferentes.



Para entendermos melhor essa temática em discussão vejamos um exemplo fictício de uma análise funcional do comportamento de um determinado relacionamento. Essa pessoa ao qual iremos elaborar teve dois relacionamentos, o *Caso 1* e o *Caso 2*. O caso 1 é consequência de seu passado e o caso 2 é sua nova história de amor.

Caso fictício 1:

AS REGRAS
<ul style="list-style-type: none">➤ “Devo manter um relacionamento liberal onde cada um pode sair, não comprometendo a relação íntima”.➤ “Relacionamento que é relacionamento tem que haver privacidades”.➤ “Relacionamento sexual pode ocorrer sem necessariamente estar casado”.➤ “Posso ir a festas desacompanhado do (a) meu (minha) parceiro (a), não necessito ficarmos os dois juntos a todo o momento”.
OS ANTECEDENTES
<ul style="list-style-type: none">➤ Vínculo social amplo.➤ Hábito de sair em festas com amigos aos fins de semana.➤ Vida sexual ativa.
OS COMPORTAMENTOS
<ul style="list-style-type: none">➤ Frequentar com o cônjuge reuniões e festas com amigos.
AS CONSEQUÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none">➤ Redução de conflitos no relacionamento.➤ Manter o grupo de amigos.➤ Ir a festas com o cônjuge.➤ Relação afetiva estável.



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

No caso delineado acima, podemos perceber que o sujeito fictício tinha um relacionamento conforme seus ideais de vida, ou seja, seu histórico antecedente e as regras do relacionamento que o mesmo mantinha era embasada dos mesmos princípios, o que lhe permitia manter um vínculo afetivo com seus amigos e seu círculo social sem a necessidade de discussões com o cônjuge, mantendo um comportamento de saírem juntos, o que por consequência acarretava em uma relação estável entre os dois. Por algum motivo inespecífico, o relacionamento veio a romper e esse sujeito migrou para um novo relacionamento que daremos a análise ao Caso 2.

Caso fictício 2:

AS REGRAS
<ul style="list-style-type: none">➤ “Para manter esse relacionamento ambos devem abrir mão de algumas coisas, (festas, bebidas, amigos, etc).”➤ “Posso ir a festas somente na companhia do cônjuge”.➤ “Pessoa compromissadas com alguém não saem sozinhas”.➤ “Não faça para os outros o quer para si mesmo (olho por olho, dente por dente)”.
OS ANTECEDENTES
<ul style="list-style-type: none">➤ Vínculo social amplo.➤ Hábito de sair em festas com a ex-namorada e amigos aos fins de semana.➤ Namorada liberal, onde pregava por um relacionamento a base de confiança e privacidade.➤ Relacionamento anterior sem ciúme.
OS COMPORTAMENTOS
<ul style="list-style-type: none">➤ Ficar em casa.



AS CONSEQUÊNCIAS

- Ficar na companhia do cônjuge.
- Redução de contato com amigos em festas.
- Redução de conflitos no relacionamento.
- Compara o relacionamento anterior com o atual relacionamento.

No caso 2, observa-se um relacionamento com princípios desiguais ao relacionamento posterior ao mesmo. Nesse caso, o nosso sujeito, abre mão e sua vida social e de seus amigos em fim de manter a nova vida amorosa, também compara a relação antiga com a nova relação. Essa indevida comparação entre os distintos relacionamentos passa a ocorrer devido ao histórico que preconiza a vida do sujeito, ou seja, como existe pouca ou nenhuma discriminação do seu relacionamento antigo. Em outras palavras, o sujeito não aprendeu a lidar com as novas situações com as quais lida em um novo relacionamento.

As comparações entre o relacionamento antigo e a nova história de amor podem ocorrer das mais variadas formas, das básicas as complexas, como a pegada, o beijo, o ato sexual, a química que envolve o casal, os gostos, atributos, princípios, dentre outras mais diversas eventualidades. Muitas vezes, devido a sentimentos não elaborados do relacionamento anterior essa comparação vem a ocorrer, onde o indivíduo passa ainda a elaborar o luto do término de seu relacionamento, ou seja, o outro ainda está me afetando, tornando-se algo presente em minha conduta.

Segundo Kovács (1992) quanto maior for o investimento afetivo em decorrência de alguma pessoa, mais doloroso será para o entulhado conseguir desligar-se do objeto perdido. Neste sentido Freud (1917/1996, p. 261 *apud* RANGEL, 2008) “se o objeto perdido não possui uma tão grande importância para o ego – importância reforçada



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

por mil elos -, então também sua perda não será suficiente para provocar quer o luto, quer a melancolia”.

De acordo com Maldonado (2000) o luto não se dá somente pela perda do parceiro ou da parceira, mas também pela quebra de expectativas e ideias sobre o casamento. Essa separação desmancha o ideal que vem desde a infância e dos contos de fadas. Neste sentido, Almeida e Aguirra (2013) descrevem 4 fases que antecedem a aceitação, não possuem um certo tempo predefinido para acontecerem. Tudo pode variar de pessoa a pessoa e da situação em que a mesma se encontra, ou seja, depende da perda que essa pessoa está a elaborar. Assim como algumas pessoas podem até décadas para se recuperarem de uma perda, outras podem levar somente alguns dias, a depender da pessoa e da perda envolvida. Geralmente as piores elaborações de um luto estão associadas à perda de um filho (ALMEIDA; AGUIRRA, 2013).

Da fase da negação até a tomada de consciência da perda (aceitação), é um longo caminho, muitos não conseguem elaborar o processo de perda e recomeço da vida sozinha, existem pessoas que passam meses, anos, tentando elaborar essa devida situação e não conseguem alcançar a etapa de aceitação. Como já dissemos anteriormente, isso varia muito conforme a perda e a pessoa em questão.

Então, quando essa elaboração não se encontra devidamente feita, o indivíduo pode sentir dificuldades para se relacionar novamente e ou acabar comparando e trazendo à tona as falhas que acabaram ocasionado o desligamento do antigo casal, ou migrar para uma relação e por critérios comparativos acabar rebaixando sua autoestima em relação a sua atual história de amor. Muitas pessoas se questionam: “Como sei se o outro não me afeta mais?”. Essa resposta é muito simples, na realidade o outro não afeta quando vira uma “flor de plástico”, ou seja, o mesmo já não transmite mais nenhum tipo de afetação positiva ou negativa para a sua vida, lhe deixando livre para ingressar em um novo relacionamento. Em outras palavras, os dois ex-parceiros aderem a uma proposta de coexistência pacífica.



O que pode ser positivo trazer de outra vivência e o que seria negativo de se repetir no novo relacionamento?

Várias discussões embasam o contexto dos relacionamentos amorosos sua qualidade e durabilidade. As ideias do senso comum, histórico, nos trazem a conotação enganadora do ideal “viveram felizes para sempre”, na realidade a efetivação de um primeiro relacionamento que dure para a “vida inteira” é algo possivelmente descartado. Segundo Bauman (2004):

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro. (p.11)

A ideia de “amor à primeira vista” é um tanto quanto fragmentada da verdadeira realidade amorosa. Passar por um número “X” de relacionamentos não significa realmente algo ruim, em questão, cada um dos relacionamentos, seja eles de curta ou de longa duração, faz com que haja antecedentes, aos quais, funcionam de maneira positiva para com uma nova história de amor. O que quer se tratar aqui é que, as vivências acumulam experiências que geralmente são vistas ao influenciar os processos de busca de novas parceiras amorosos com a partir de um novo conjunto de comportamentos e de atitudes futuras para os relacionamentos que se estabelecerão ao longo da vida e dos sucessivos encontros.

O amor é, em sua própria vivência, inefável, e todo o vocabulário é incapaz de lhe dar com precisão sua verdadeira essência. “Por acaso não é verdade que um ser humano jamais compreende inteiramente o outro?” (KIERKEGAARD, 2007, p. 260). Em sua totalidade,



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

jamais conseguiremos saber as intenções do outro e/ou agradar de forma completamente satisfatória o outro. Porém, o vivenciar relacionamentos, ou seja, nossas vivências passadas podem ajudar a acertar na nova história e amor. Se a pessoa a qual passou por uma bagagem “X” de relacionamentos souber lidar com eles da forma ao qual já foi explanada nos subitens anteriores, essa pessoa pode vir a somar pontos para com as novas atitudes em seu futuro amoroso, ou seja, ela aprendeu a manejar o relacionamento ideal para ela, ao qual, irá atuar de maneira favorável na vida a dois.

A partir do momento que o relacionamento antigo se torna uma flor de plástico para mim, ou seja, já não me afeta mais, pode-se tirar vantagens do mesmo, extinguindo os erros e inserindo as vivências que efetivamente deram certo. Obviamente cada um sabe o que lhe faz bem e o que deve ser evitado, da mesma forma funciona na vida amorosa, por meio e uma gama de experiências, a pessoa passa a adaptar ao que ela realmente gosta no parceiro. Essas experiências anteriores já permitem fazer com que a pessoa se passe a conhecer seus gostos, seu beijo, sua pegada, suas atitudes, o ato sexual com este (a) parceiro (a), dentre outras variáveis que podem ser inseridas como algo positivo para uma nova história de amor.

Em um relacionamento, não podemos vender nossos olhos e tirar proveito somente dos bons momentos que passamos em companhia dos nossos parceiros. É bom também que lidemos com os momentos desagradáveis na tentativa de superarmos os erros do passado, de tal forma que essa experiência possa vir a ajudar em um futuro relacionamento. Perguntamo-nos, “como posso tirar proveito dos erros que cometi no passado, ou dos momentos que sofri na companhia do (a) meu (minha) ex?”. A resposta para essa pergunta complexa é simples e pode ser respondida com afirmações de nosso próprio cotidiano. Aproveite o que lhe faz bem e deixe de lado o que vem a lhe afetar, ou seja, tudo em nossa vida é baseado de experiências, significativas ou não, essas experiências quando elaboradas de forma correta tornam-se boas ferramentas de lida com a vida.



Para qualquer relacionamento ser duradouro necessita-se de um prévio amadurecimento de cada um dos parceiros que virão a compor o casal, ou seja, ambos os envolvidos pressupõem a capacidade de superação de crises no decorrer da vida conjugal. A forma com que lidamos com as crises, encaminhará os parceiros para uma boa ou má harmonia do casal. Não é fácil viver em harmonia em um mundo a dois, constantes barreiras precisam ser quebradas diariamente e seus resquícios espalhados ao chão precisam ser removidos de forma a não interferir na vida dos cônjuges. Respeito e paciência envolvem o desafio cotidiano de tolerâncias, inserindo assim a existência de valiosas virtudes éticas e empáticas, ao se colocar no lugar do outro.

Considerações finais

Neste capítulo procurou-se discorrer sobre a influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor, todavia, a questão em foco é composta por critérios extremamente complexos. Percebemos que os critérios de escolha de de um (a) parceiro (a) / cônjuge podem variar de relacionamento a relacionamento e também, de pessoa para pessoa, e que existem pessoas que preferem manter um determinado padrão comportamental e de escolhas em seus critérios para realizarem essa seleção e outras que por seu histórico preferem variar intermitentemente esses determinados critérios. Em suma, desilusões amorosas podem prejudicar sim os critérios de escolha, onde a pessoa tende a manter um padrão comportamental diferente ao qual se lidou no passado se essas foram devidamente elaboradas, em outros casos pela falta de discriminação pode-se também manter um padrão de repetição, pendendo a novas tentativas novamente.

A postura no relacionamento é algo extremamente importante, ao qual, irá determinar bom andamento da relação amorosa. Comparações indevidas podem vir a prejudicar a autoestima do (a) companheiro (a), ou seja, se para trazer algo do relacionamento passado que seja vivências que possam vir a acrescentar em sua nova história romântica. Deixe os erros para trás e viva intensamente o relacionamento que está estabelecendo com seu (sua) parceiro (a) atual.



Referências

ALMEIDA, T. **O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões.** 2003. 131 f. Dissertação (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, São Paulo.

ALMEIDA, T.; AGUIRA, D. O fim do que era para ser para sempre: o que fazer uma vez que o luto pelo rompimento da relação acabou? In: ALMEIDA, T. (Org.). **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.** v. 1. São Carlos: Compacta, 2013. p. 417-435. Disponível em: <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/livros/relacionamentos_antes_durante_depois.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2014.

ALMEIDA, T.; MAYOR, A. S. Amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica amorosa dos relacionamentos. In: STARLING, R. R., CARVALHO, K. A. **Ciência do Comportamento.** São Paulo: ESETEC. 2006. p. 269.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 86.

BORRIONE, R. T. M.; LORDELO, E. R. Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 35-43, 2005.

BOTWIN, M. D.; BUSS, D. M.; SCHACKELFORD, T. K. Personality and mate preferences: five factors in mate selection and marital satisfaction. **Journal of Personality**, v. 65, n.1, p. 108-136, 1997.

BRASIL, F. R et al. Escolha de parceiros afetivos: influência das sequelas de fissura labiopalatal. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.17. n. 38. set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000300008&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 06 jul. 2014.

BUSS, D. M. Strategies of human mating. **Psychological Topics**, v. 15, n. 2, p. 239-260, 2006.

CHAVES, J. C. **“Ficar com”**: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 1994. p. 154.

DARWIN, C. **A origem das espécies**: por meio da seleção natural. São Paulo: Martin Claire, 2007. p. 572. (Originalmente publicado em 1859).

FÉRES-CARNEIRO, T. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2.1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200012> Acesso em: 27 nov. 2014.

GOMES, A. I. A. S. B et al. Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são valores e traços de personalidade uma explicação? **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 26, n.1, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 27 jun. 2014.

KIERKEGAARD, S. A. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 432.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**. v. 43, n. 1. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003> Acesso em: 03 jun. 2014.

MALDONADO, M. T. **Casamento término e reconstrução**: o que acontece antes, durante e depois da separação. São Paulo: Saraiva, 2000.



Capítulo 1 - A influência de relacionamentos passados para novas histórias de amor

MANER, J. K. **Beauty captures the eye of the beholder**: selective attention and physical attractiveness. Arizona State University, 2003. p.78.

MARQUEZAN, R. F. **Diferenças entre gêneros nas preferências para escolha de parceiros em função de fatores biológicos e sociais**. 2005. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia social**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RAMOS, M. B. J. Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão. **Estudos de Psicanálise** (Aracaju), n.34, p. 71-78, dez., 2010.

RANGEL, V. G. S. **O término do casamento**: o luto feminino decorrente da separação. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

SANTIAGO, O. R. **Ah, o amor!** Quantas perguntas, quantas dúvida. Florianópolis: Sophos, 2003. p. 79.

SCRIBEL, M. C.; SANA, M. R.; BENEDETTO, A. M. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 26 jun. 2014.

SILVA, I. M.; MENEZES, C. C.; LOPES, R. C. S. Em busca da “carametade”: motivações para escolha do cônjuge. **Estudos de Psicologia**. v. 27, n.3. Campinas, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 06 jul. 2014.



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois - Volume 3

STERNBERG, R. J. Atração interpessoal. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Eds.). **Psicologia Social**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenjian, v. 1, p. 330-370, 2000.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. v. 10. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

VASCONCELLOS, L. R. **Simulação de flerte e de amizade**: uma análise perceptivo-auditiva de emissões vocais, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

